

*PALAVRA ABERTA***Crônica: A velha da rua****Ana Moraes de Oliveira Rosa – A.M.O.R.¹³³**

Estava na calçada de concreto maltratado da esquina da rua a velha sentada. Vigiando as pessoas que transitavam apressadamente como sempre. Atenta permanecia sempre, mesmo acalentada pelos braços de Morfeu ou na vigília.

As pessoas passavam perto dela, a olhavam e demonstravam indiferença quanto a presença dela, talvez pela sua velhice exposta. Não perdia esmolas, não falava nada, e quando falava ninguém entendia nada apenas alguns que a conheciam e conheciam sua linguagem que nem sequer usava gestos com as mãos. As pessoas passavam e observavam seu corpo negro e sua barba branca, e esse contraste não surpreendia ninguém, permanecia constante em sua monotonia.

O seu olhar às vezes era afeiçoado, às vezes raivoso. Os seus instintos a mostravam o âmago, a verdadeira face da alma dos transeuntes. Não se como ela sabia o que cada pele cobria. Alguns especulavam que era macumba, magia, e outros mais simplórios só palpitavam que era sabedoria.

Os moradores da rua tinham piedade da alma velha que permanecia atenta com o movimento da cidade. A doavam comida digna de ser denominada refeição: arroz, carne, tempero e feijão. Água fresca também, para acompanhar, porque seu paladar simples e antigo não se afeiçoava com sucos e refrigerantes, coisas desse partido.

Quando os céus resolviam chorar pelas mazelas do mundo, a misericórdia acariciava um dos moradores e este abrigava a velha em sua bem-tratada residência. Quando Deus resolvia soprar sobre a Terra, a piedade

¹³³ E-mail: anamoraesor@outlook.com.

chegava e tocava também a parte amorosa humana de um e de outro vizinho. Mas nem sempre alguém a abrigava. Mas porque é que um dos vizinhos não a pegava para si? Pegava-a para preencher algum espaço vazio e sem vida sob seu teto? Não, não! Era apenas uma velha, velha traz problema, já é velha mesmo. A rua há de cuidar, a rua sempre está lá, não sai, não viaja, a rua é onipresente.

Um dia desses, andava do outro lado da rua um elemento gingando de um lado para o outro. A velha com seu sexto sentido se pôs de prontidão. Reconhecia o intuito malandro de longe de antemão.

O malandro vinha passo a passo remexendo o quadril com um olhar furtivo e com requinte de esperteza. A velha era catimbada, e já esperava qualquer ação do indivíduo.

O malandro desceu a rua sob o olhar da anciã. Depois de um curto espaço de tempo retornou subindo. A velha achou estranho o anda para lá e pra cá do transeunte. Não era normal. O malandro avistou uma moça bem vestida, com uma bolsa a tira colo desprotegida. Ela vinha subindo arduamente com seu par de sapatos de sola alta e que o que possuía de charmoso tinha de dificuldade. Ao verificar a desatenção do povo da rua, o malandro se posicionou sorrateiramente atrás do movimento dificultoso uniforme da moça. Enquanto isso, a velha já tinha saído de sua posição inicial, na maioria do tempo permanente, e atravessado a rua com cautela com uma rapidez que não deveria pertencer a ela, lembrando-se que se trata de uma velha com barba.

É..., realmente a velha tinha sexto sentido. O rapaz tentou atacar a moça e levar-lhe a bolsa. A velha chegou de supetão por uma brecha entre os carros estacionados, descansando e estacou em frente ao rapaz. Hipnotizou-o por um curto momento com sua força mandibular. O rapaz saiu da hipnose e tentou escapar. A velha em um ato rápido imobilizou-o e estirou-o no chão. As pessoas ao redor se aproximaram correndo e gritando;

- Pega ladrão! Pega ladrão!

Imobilizaram o indivíduo e por sorte este apenas tomou algumas pancadas, consequência da sua escolha para vida. E assim asseverava a velha os seus poderes sobrenaturais.

Uma semana depois, em um dia corriqueiro com o Sol ostentando o dom que lhe foi dado, a velha estava “abundada” no seu lugar quase permanente. Do outro lado da rua uma das moradoras a chamou para almoçar. A velha se levantou e foi a rua atravessar, e por um momento de descuido não olhou de um lado ao outro e subitamente surgiu um carro em alta velocidade. E sem misericórdia desmanchou aquele acúmulo de idade. Sem ao menos considerar a importância daquele ser, sem ao menos considerar o que ela tinha feito àquela mulher, uma semana atrás. É foi assim que em um segundo, o carro sentenciou a morte a ela e ela cumpriu a sentença. Nem para ajudar o carro parou, continuou andando mais rápido ainda, maculado com sangue senil derramado. E sumiu, sumiu na profundidade da rua, como se fosse a missão dele: passar naquele local e retirar a vida da senhora da rua.

A moradora da rua ficou estarecida e sem expressão. O calor daquela comida não podia mais aquecer o gélido corpo daquela senhora estirado no asfalto. Todos pararam diante de tal perversidade. Só desta forma para parar a pressa de todos, só assim para aquela senhora chamar atenção, apenas com uma arte mortuária de matiz rubra impressa no chão.

A morte apresentava sua peça ali diante daquele público emocionado. Apresentava uma dramaturgia lúgubre, inconsolável. E assim o choro entrou em ação, tentou consolar mas não foi suficiente, foi em vão. Até o choro chorou por não contracenar corretamente.

O tempo parou, a vida alheia acabou por causa da pressa alheia. Alguém corajoso e com senso da natureza fria, juntou o resto de uma vida inteira.

Os moradores mais emotivos e familiares resolveram fazer um procedimento fúnebre, mesmo que fosse apenas uma velha de barba branca. Foram até um terreno baldio e a enterraram em um cantinho, pois no cemitério

municipal, estadual, federal, mundial não poderia abrigar o corpo daquela coitada. A sua lápide não tinha foto, e nem data de nascimento, apenas o nome e a data da morte, pois eram as únicas coisas que os moradores sabiam sobre a velha, pois lápide alguma pode descrever a biografia e a importância de cada ser como as pessoas que conviveram com o ser. Apenas quem conviveu com ela iria saber a falta que ela faria.

E agora a rua não possui mais companheira de frio, de chuva e de Sol. Não possui mais alguém que a proteja. Mas quem sabe apareça alguém como a velha, há tantos abandonados pelo mundo afora, deixados ao léu e aos cuidados da sorte. Seja recém-nascido, novo, adulto, velho e quase morto. A rua precisava de alguém com o poder de proteção e que se torne o novo vigia da rua.

Mas vale ressaltar, que de nenhuma forma irá substituí-la e tirar seus méritos. Pois nenhum ser é qualquer coisa, cada um tem o seu valor que muitas vezes é menosprezado. A existência de qualquer coisa é algo a ser computado e valorizado. E não desdenhar algo que exista por ser insignificante, mas saber valorizar cada partícula existente a ponto de dar insignificância ao próprio nada.